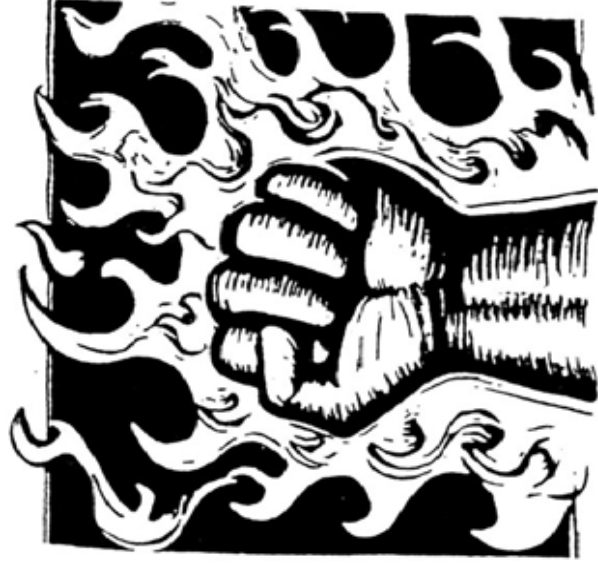


Dossiê



autonomia operária



índice	
Os operários não querem mais trabalhar <i>Potere Operaio</i>	3
A rede de lutas na Itália <i>Romano Alquati</i>	6
Composição de classe <i>Zerowork</i>	14
Autonomia Operária e autonomia dos proletários <i>Neg/azione</i>	15
Autonomia operária ou barbárie <i>Ajoblanco</i>	17
A luta autônoma <i>Lúcia Bruno</i>	24

<http://geocities.com/autonomiabvr/>

Caixa Postal 38018 CEP 22451-970

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

adianta eleger comissões de trabalhadores, se estes não as controlam diretamente. Os trabalhadores não lutam por delegação. Lutam eles próprios ou não há luta revolucionária.

Uma comissão que não seja a expressão da luta auto-organizada e autodirigida pelos operários nada tem de autonomia. Muito menos aquelas criadas pelo patronato, ou ainda as fomentadas de fora por militantes que pretendem utilizá-las como células de seus partidos.

O caráter subversivo das organizações operárias reside no controle que o conjunto dos interessados tem sobre a ação daqueles que foram eleitos como seus porta-vozes.

Pensar que o capitalismo integra estas instituições é ver apenas os seus traços exteriores. Não existe a menor possibilidade de se conciliar estruturas de organização antagonônicas.

As comissões de fábrica, enquanto expressão das relações igualitárias e coletivistas, nada têm a ver com as comissões criadas pelo patronato, pelos partidos políticos ou pelas cúpulas sindicais.

Sobre estruturas desse tipo, centralistas e burocratizadas, só podem se desenvolver relações sociais de militarização, submissão e dependência, que prefiguram as relações sociais numa sociedade de exploração.

A integração das comissões de fábrica, assim como de outras práticas autogestionárias, se dá pela destruição dessas instituições e práticas. Muitas vezes, se conserva o mesmo nome, mas para encobrir práticas absolutamente diversas.

Por isso, não é para o nome das organizações que devemos olhar. É para a sua estrutura interna e para as funções práticas que concretamente realizam. E isto não apenas num dado momento. E preciso ver, no processo de evolução das lutas, como estas organizações vão se desenvolvendo.

Extraído de O que é Autonomia Operária, Lúcia Barreto Bruno, Coleção Primeiros Passos, Editora Brasiliense, 1985.



OS OPERÁRIOS NÃO QUEREM MAIS TRABALHAR

POTERE OPERAIO

número 29 – 1 a 8 de outubro de
1970 – Ano 2

A máquina do poder patronal está avariada, seu desenvolvimento, o desenvolvimento de seu controle sobre a classe operária enguiçou. Isto não é casual, mas o resultado de um longo processo no qual os operários italianos, americanos, ingleses, suecos e outros, de todas as fortalezas do capital moderno, foram amadurecendo, durante os anos 60, num auge de lutas salariais e de formas de revolta social que fizeram explodir políticas salariais e governos social-democratas, mergulharam a economia numa crise permanente e sucatearam a programação tecnocrática, impedindo que doravante a luta operária seja usada como fator de desenvolvimento. A luta salarial rompeu esta barreira: tornou-se concretamente luta contra o salário, contra a obrigaçao do trabalho, pelo direito ao rendimento. A produtividade é um espinho atravessado nas relações entre ministros, chefes de confederações industriais, burocratas sindicais,

P”C”I: os operários não querem mais trabalhar.

O constante aumento de horas em greve, a crescente ausência ao trabalho, o massivo uso do seguro previdenciário como aposentadoria antecipada, os autolicenciamentos, o rechaço das horas-extras mostram que - além dos limites da sobrevivência física - a classe operária se recusa a vender sua força de trabalho. A luta não funciona mais como motor do desenvolvimento econômico porque vai além das reivindicações, torna-se recusa imediata do trabalho: não trabalhar se torna o objetivo, torna-se o poder de recusar o trabalho, o meio se torna fim e vice-versa.

A crise atual, vertiginosamente acelerada com a sucessão dos dias, é uma crise de poder, é a conclusão de um longo período histórico no qual a correlação de forças era favorável aos patrões. Hoje, nenhum capitalista pensa seriamente em relançar o desenvolvimento. Pensa, isto sim, numa longa medição de forças, em ganhar tempo para fazer novas alianças internacionais com os capitalistas do mundo inteiro, em inventar novos instrumentos de controle, em reorganizar completamente o trabalho para desarticular, esmagar e destruir a unidade e o antagonismo radical baseados na atual organização do trabalho. Mas, para isso, faz-se necessária a “paz social” e que, nesse interim, a correlação de forças favorável à classe operária não se transforme em organização revolucionária. Este é o

verdadeiro problema da atual fase do confronto: o prolongamento forçado, subjetivo, da crise, no interior da qual faz amadurecer o projeto de organização revolucionária; ou a reorganização, a longo prazo, do sistema acarretará a conquista de novos e mais eficientes meios de domínio, de controle, significando a abertura de um novo período histórico no qual será necessário recomençar, desde o início, uma nova organização do trabalho em que o atual referente organizativo, o operário massa, o estudante e o técnico massa, será totalmente destruído e substituído. Para nós, o projeto de organização, a partir da Itália, elo frágil do capital europeu, situa-se num rigoroso binário. Tem, como referência objetiva, as indicações estratégicas saídas das vanguardas de massa nesses anos, a exigência de rendimento para todos, contra o trabalho, a recusa do trabalho como recusa do domínio capitalista e da gestão socialista do desenvolvimento; como referência subjetiva, as vanguardas surgidas das lutas dos últimos anos e a enorme força que P^oC^oI e sindicatos perdem todo dia e se torna disponível para a militância revolucionária, à medida que seu projeto antioperário se faz concretamente violência contra a necessidade operária de organização. Deve constituir-se, a partir da com-

preensão dos ritmos precisos da luta, sobre a capacidade da vanguarda organizada de construir hoje uma resposta política ao ataque do governo contra o salário real, aos partidos da produtividade, à tramóia das reformas.

Não pensamos que a função das vanguardas seja a de esperar por confrontos gerais, espontâneos, mas a de construir momentos de confronto organizado, de saber indicar ao conjunto do movimento o caminho de saída da espontaneidade, de construir momentos de organização permanente. Há que reconstruir, das lutas operárias, uma direção operária que saiba relançar uma luta pela reapropriação do que nos foi roubado, que anule definitivamente os vínculos contratuais, que retome a ofensiva sobre o salário e o horário de trabalho como ofensiva política contra a tramóia das reformas, como projeto anti-sindical, como alternativa política à trégua da produtividade, ao partido da produtividade. Mas o importante nesta ofensiva é que esteja inteiramente nas mãos dos operários, que suas indicações de luta superem todo resíduo para-sindical, toda radicalização espontânea na qual grupos exteriores à luta pretendam assumir sua direção.

A luta não funciona mais como motor do desenvolvimento econômico porque vai além das reivindicações...

car uma luta pela reapropriação do que nos foi roubado, que anule definitivamente os vínculos contratuais, que retome a ofensiva sobre o salário e o horário de trabalho como ofensiva política contra a tramóia das reformas, como projeto anti-sindical, como alternativa política à trégua da produtividade, ao partido da produtividade. Mas o importante nesta ofensiva é que esteja inteiramente nas mãos dos operários, que suas indicações de luta superem todo resíduo para-sindical, toda radicalização espontânea na qual grupos exteriores à luta pretendam assumir sua direção.

Os pontos de referência organizativa

defesa de interesses particulares (partidários ou não) que acabam prevalecendo sobre os interesses do conjunto. É ainda o momento propício para a repressão patronal, que acaba despedindo os trabalhadores mais combativos.

Em momentos de ascenso revolucionário, elas acabam sendo negadas na prática, através da criação de novas instituições sociais - as comissões autônomas, os comitês de moradores, etc. Mas para que elas se desenvolvam a uma situação amorfa. Com isto e se generalizem é fundamental a expansão das diversas lutas, ultrapassando, assim, o localismo em que surgem. Não é possível a existência de "ilhas" autônomas num contexto capitalista.

De nada adianta criticar as lutas operárias pelo fato de acabarem integradas no capitalismo. Ou dizer que as organizações autônomas não sobrevivem por muito tempo, pois são destruídas tal. Por esse motivo, ela é sempre pela repressão ou subordinadas às cúpulas sindicais e partidárias.

A questão fundamental é procurar novas formas de manter essas organizações, generalizando-as e unificando-as.

A circulação de informações, a troca de experiências entre trabalhadores inseridos em lutas diferentes, é indispensável para desenvolver a solidariedade e a coesão dos trabalhadores.

É contra tudo isso que os trabalhadores têm de lutar, tendo em vista manter a comissão sob seu controle efetivo. Para que funcione como instrumento pertencentes a classes sociais antagônicas é muito grande. Essas práticas das relações igualitárias, a autonomia são realizadas a todo o momento nas das comissões é fundamental. De nada

expressam o grau de autonomia da classe operária com relação às instituições capitalistas.

No entanto, nem sempre isto quer dizer que exista uma absoluta democracia na condução das lutas e que são as próprias bases operárias a manterem em mãos a iniciativa e o poder, no combate contra a exploração.

É preciso ver os problemas com os quais as comissões de fábrica se depa-ram, e o funcionamento das mesmas. Na realidade, o caráter complexo dos processos de transformação social inviabiliza qualquer tentativa de impor um modelo acabado de organização.

O estudo da história do movimento operário e das novas formas de luta que hoje presenciamos podem nos indicar as tendências e possibilidades futuras do movimento, nunca suas formas concretas de realização. Estas dependem da articulação complexa de todas as variantes e especificidades históricas de cada momento conside-rado.

Voltando ao problema colocado, pode acontecer de uma comissão limitar-se a servir de intermediária entre o sindi-cato e os trabalhadores. Se isto mostra a exterioridade do sindicato com rela-ção à classe, mostra também que é o sindicato quem conduz todas as lutas, mantendo os trabalhadores em uma situação de apatia. A comissão limita-se a dizer ao sindicato o que os traba-lhadores gostariam que fosse feito e a dizer aos trabalhadores o que o sindi-

cato decidiu fazer. Vemos que na rea-lidade essa comissão exerce a função de seção sindical, subordinada ao sin-dicato.

Há ainda comissões que, apesar de informarem todos os trabalhadores e os consultarem antes de qualquer atu-ação, acabam se isolando das bases. Isto acontece não porque se tornaram “pelegas”, mas porque os trabalhado-res caíram numa certa apatia. E a que se deve esta apatia?

Este é o ponto central, pois nenhuma organização pode fazer sozinha o que compete ao conjunto dos trabalhado-res. Antes de avançarmos nesta ques-tão, a partir de que momento se veri-fica o isolamento das bases?

O aparecimento de uma comissão de fábrica, autônoma, demonstra um grau elevado de atividade dos operá-rios, e essa atividade vai se refletir no controle a que estará sujeita a comis-são eleita pelo conjunto dos operários. No início são realmente todos a deci-direm o que a comissão vai executar. Mas depois começa a haver uma dis-tinção entre o conjunto dos operários e os executores. São sempre os mes-mos - os membros da comissão - que executam e decidem. Os trabalhadores, então, se afastam de toda a atividade e a comissão se apo-dera de todas as iniciativas.

A partir daí está criado o isolamento da comissão e se desenvolve o terreno ideal para a sua burocratização, para a

cial, verifica-se a possibilidade, a médio prazo, de recomposição do movimento revolucionário em sua totalidade, de construção da organi-zação revolucionária que impeça os padrões de reparar sua máquina de poder.

Tradução livre (resumida e adaptada) feita pelo coletivo de tradutores do Grupo Autonomia.

dentro das fábricas, escolas, centros de pesquisa, bairros proletários deve-rão se tornar orientações de comitês inteiramente políticos, que saibam indicar ao conjunto do movimento os ritmos, objetivos e formas de gestão da luta. Não defendemos uma estéril unificação de grupos extra-parlamentares, mas um empenho de todas as vanguardas revolucionárias na construção de eficazes momentos de direção da luta, enfrentando as a-meças de violência patronal junta-mente com a tramóia do projeto de reforma do governo, mobilizando se-tores estudantis e proletários sob a direção firme das vanguardas operá-rias onde os níveis de organização são mais fortes. Sobre a capacidade, nesta fase, de construir reais momen-tos de organização operária e de ges-tão anti-sindical da luta em nível so-



A REDE DE LUTAS NA ITÁLIA

Romano Alquati

Nota do tradutor inglês: Este resumo foi elaborado, no início dos anos 70, por um membro do *Oxford Road Group* (ORG) na Inglaterra, para companheiros que não entendiam o documento original em italiano. Naquela época, o ORG estudava as relações entre a luta de classes, na Inglaterra, e os recentes desenvolvimentos no marxismo, na Itália. O formato abaixo, embora omita os detalhes da discussão italiana e se limite aos conceitos empregados, segue o original tão próximo quanto possível.

REMISSA: os movimentos de luta da classe operária compõem uma REDE, não apenas regional e nacional, mas internacional.

REDE: união das lutas em duas articulações, vertical e horizontal. Articulação vertical = ponto interior ao circuito capitalista de produção/reprodução.

Articulação horizontal = distribuição espacial e interconexão das lutas no território.

Essas articulações combinadas, vertical & horizontal, giram em torno de decisivos pontos de conexão: PONTOS NODAIS.

N Ó S (N E X O S)
Nós ou nexos são pontos de conexão dentro da REDE. Podem ser estrategicamente priorizados, inclusive INTERNACIONALMENTE. Estes pontos são a vanguarda das lutas de massas da classe operária!

Mas N.B.: Não há uma correspondência simples ou 'mecânica', somente na articulação vertical, ou equivalência direta entre o nível de produção capitalista e a vanguarda das lutas de massas da classe operária. Assim, o ciclo de lutas de 1968, por si só, transformou a rede de lutas, tanto vertical como horizontalmente, "recompondo a classe".

RECOMPOSIÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA

Desenvolvimento dinâmico da "classe" através da luta, superando a decomposição capitalista da força de trabalho: "O fenômeno da recomposição de classe deve ser visto em termos do nível dos movimentos gerais de luta coletiva."

Portanto:

a) A recomposição não é nem pode ser um reflexo mecânico da decomposição capitalista da força de trabalho. Mesmo quando faz uso político das condições objetivas, a recomposição

junto dos produtores; tal como ocorre com o Estado, por exemplo. Quanto mais se desenvolve a comissão de fábrica - enquanto órgão de controle e gestão da produção, por exemplo - mais diminui o caráter intermediário nesse controle.

Se criamos instituições através das quais podemos decidir em conjunto sobre todos os aspectos da vida social, eliminamos aqueles que sempre decidiram por nós: os políticos profissionais, que detém o controle das decisões. Criando as instituições que realizam a democracia direta eliminamos o Estado, que existe para decidir por nós e sobre nós.

Com isto quero dizer que a dinâmica do socialismo é dada pelo conjunto organizado da classe operária, mediante a criação de estruturas próprias de poder, onde os representantes estão controlados nas suas atribuições por todos, podendo ser destituídos a qualquer momento.

É preciso diferenciar a representação nessas organizações e a representação nas estruturas políticas capitalistas, onde ninguém controla a ação dos nossos "representantes".

1- Os elementos eleitos pelos trabalhadores não têm possibilidades de decidirem por si mesmos. Eles são simplesmente executores. Apenas o conjunto dos representados pode decidir.

2- Os representantes eleitos só executam tarefas e não determinam linhas de ação, pois seus limites estão de antemão delimitados e, portanto, não podem extravar as suas funções.

3- Esses elementos permanecem como representantes, no máximo, até o tempo de executarem as tarefas, eles não têm como se reproduzir em nova classe dominante.

4- Os representantes permanecem na produção e os seus atos podem ser controlados a cada momento. O desempenho de funções na qualidade de representantes dos trabalhadores não lhes confere nenhum tipo de privilégio.

Você pode notar que o tipo de organização social que os operários criam na sua luta direta e autônoma é completamente diferente e oposto ao sistema de representação existente no capitalismo. No sistema dominante quais os mecanismos de controle que temos sobre os indivíduos que elegemos? Nenhum. Que informações temos de sua atuação no parlamento ou na chefia de um Estado ou coisa semelhante? Aqui impera o sigilo, fundamental em toda estrutura burocrática, onde informação é poder.

Mas não se trata de mistificar ou idealizar as comissões de fábrica. A existência dessas instituições atestam o descrédito em que caíram os sindicatos e os partidos políticos no mundo contemporâneo. Ao mesmo tempo,

Na resistência contra a exploração do capital todos os operários são iguais. O movimento social dos explorados, hoje, tende a projetar esta igualdade para além da destruição do sistema no qual ela foi gerada. . . Isto é, as novas relações sociais criadas no processo de luta tendem na sua expansão a se realizarem em novas formas econômicas e, portanto, em novo modo de produção.

Por isso, podemos dizer que nas sociedades contemporâneas se articulam duas realidades sociais antagônicas: o modo de produção capitalista e o socialismo em permanente tendência para o desenvolvimento, fundado nas relações igualitárias e comunitárias que o proletariado cria no decorrer de suas lutas.

Tudo isto é bastante abstrato. Vejamos de maneira mais concreta como essas lutas se desenvolvem e por que têm sido derrotadas.

AS INSTITUIÇÕES AUTÔNOMAS

Os indivíduos não atuam no vazio, mas dentro de instituições que criam no decorrer de sua existência. Isto quer dizer que quando a classe proletária luta diretamente contra a sua situação de explorada/oprimida, separando-se da lógica capitalista, cria nesse ato novas organizações sociais que constituem as condições da trans-

formação social.

Essas organizações, a que chamei conselhos operários ou comissões de fábrica, privilegiam a luta na empresa, ultrapassando os aparelhos sindicais e partidários, desenvolvem práticas novas onde se afirma a preponderância das bases trabalhadoras frente aos dirigentes e a satisfação das necessidades da vida cotidiana frente ao capital, etc.

Saídas diretamente do processo de luta, essas organizações unem os trabalhadores em função das lutas práticas e não de objetivos abstratos mais ou menos limitados.

Por viabilizarem praticamente formas embrionárias de controle e gestão da produção pelos trabalhadores, as comissões de fábrica constituem a forma embrionária das novas relações sociais de produção.

Ao mesmo tempo, iniciam formas institucionais de extinção do poder político, porque são organizações que enquadram os representantes eleitos pelos trabalhadores, especialmente quando a luta se expande e passa das comissões de fábrica locais para formas mais avançadas constituídas por órgãos que articulam outras comissões.

É importante salientar que a comissão de fábrica não é forma política no sentido tradicional do termo. Ela não tem autonomia com relação ao con-

transcende dinamicamente as diferenças entre os níveis tecnológicos e os níveis de exploração do trabalho vivo, i.e., da "classe operária";

b) Nem, tampouco, um problema de consciência, entendido como o nível de compreensão ou julgamento político de um dado proletário, considerado como indivíduo pertencente a uma ou outra estratificação da força de trabalho, a um ou outro núcleo horizontal de produção."

Logo, a **REDE DE LUTAS**: processo de circulação/comunicação das lutas, sua homogeneização dentro das amplas zonas de produção capitalista de determinados tipos de força de trabalho (e.g., 'zona Europeia').

A classe operária utiliza em sua luta contra o capital sua própria função (global, estrutural, unificada) como classe produtiva do capital.

** A fase atual é de RECOMPOSIÇÃO INTERNACIONAL (vertical e horizontal) da 'classe operária'.

A REDE INTERNACIONAL DE LUTAS & A PRIORIDADE ESTRATÉGICA: "A maior concentração de PROLETÁRIOS em contato direto com seus padrões, na medida em que estes são centros de poder e comando do capital internacional. Em relação direta com esses proletários, a massa de força de trabalho auxiliar e 'terceirizada', massificada nos centros de poder capitalista."

Então: "...as redes nacionais e regionais." No nível mais baixo, a luta de massas do PROLETARIADO em zonas onde ainda não se desenvolveram as formas especificamente capitalistas de produção e acumulação.

NÓS (nexos) internacionais são pontos de acúmulo máximo de informação a respeito das lutas e centros de distribuição de informação "operacional": "Eles

são geralmente os pontos máximos de massificação e interação orgânica de diferentes momentos da luta anticolonialista. Isto frequentemente ocorre nos pontos de maior concentração física dos diferentes segmentos massificados da força de trabalho. Mas não menor é a importância (estratégica, para a classe operária) da utilização de sua presença na integração capitalista do circuito, para que o acúmulo de informação seja o mais denso possível, na rede internacional dos grandes grupos de interesses capitalistas."

** Nesses pontos de concentração/massificação, desde que seja capaz de 'utilizar' a integração capitalista do circuito, a classe operária encontrará as FORÇAS PROPULSORAS de suas lutas.

UTILIZAÇÃO DA INTEGRAÇÃO CAPITALISTA DE CIRCUITOS

É uma estratégia que leva em conta: a "descentralização técnica e exportação do capital", por um lado; e "concentração e centralização econômico-financeira" (contraparte), por outro.

A seguir, uma análise detalhada da Itália, nos termos dos conceitos acima. A tese principal é a especificidade da rede internacional/nacional/regional de lutas, graus localizados da mais avançada luta de massas da classe operária na Itália (1968/69). Dois pontos, um geral e outro metodológico, são extraídos dessa discussão:

Importantes distinções entre forças de inserção internacional:

- a) **COMANDO** centralmente baseado, exportador de capital, mas centralizador de lucro e política (cf. FIAT);
 - b) **COMANDO** exteriormente baseado, importador de capital, concentração externa do lucro (cf. petroquímicos e farmacêuticos).
- Em 1968, acontecem as primeiras iniciativas notáveis para coordenar a estratégia relacionada com esses diferentes circuitos internacionais do capital (os quais, é claro, expandem-se das OFICINAS ou FÁBRICAS para ESCRITÓRIOS, SERVIÇOS, TRANSPORTES, etc.) Viz. CISL/CGIL: PCI/PCF no negócio da FIAT/

CITROEN.

Novamente, ataque à 'equivalência' mecânica dos mais avançados nexos/pólos de lutas (nacional ou internacionalmente) com a mais alta composição orgânica do capital – como, na Itália, podem ser (os setores de) pneus e metalurgia:

"Concentração, massificação, são 'condições', certamente, mas não explicam tudo. Historicamente, e do ponto de vista da classe operária, elas devem ser explicadas. Isto é, concentração, massificação, integração devem ser vistas como resultado da luta de classes, de como esta é, então, em si mesma conduzida, unificada, homogeneizada precisamente por esses setores."

A discussão agora se encaminha no sentido de localizar as 'forças dirigentes' das lutas.

AS 'FORÇAS PROPULSORAS'

** Tese: O 'segredo' do novo antagonismo dinâmico na Fábrica, Oficina, Setor, Pólo e Região = 'FORÇA DE TRABALHO JOVEM'

FORÇA DE TRABALHO JOVEM

- a) nenhuma unidade/homogeneidade objetiva - e.g., qualificações altamente diferenciadas (embora geralmente correspondam à avançada seleção/formação capitalista de profissionais para um tipo de força de trabalho).
- b) MAS unidade subjetiva de recusa a nível ('SOCIAL') global: "a recusa

de existir porque ela é exigida pelo próprio sistema econômico. É a partir daí que se dá o assalariamento produtivo, e dessa luta resulta o aumento da produtividade e da intensidade do trabalho.

Além disso, sem a luta do proletariado pela diminuição do grau de exploração, ele correria o risco de, não opondo resistência à miséria, desaparecer fisicamente.

Nesse sistema econômico onde o proletariado procura aumentar o valor da sua força de trabalho e o capitalista procura diminuí-la, desenvolve-se um campo institucional que garante a reprodução dessa contradição: o campo sindical.

A organização sindical representa precisamente o ponto em que a luta pelos seus objetivos se insere no capitalismo.

Você pode prestar atenção; sempre que se desenvolve uma luta proletária efetiva, ela acaba extravasando o campo sindical e criando formas de organização fora do sindicato. Por exemplo: os comitês de greve, as comissões de fábrica, etc.

Quando se verificam aumentos salariais onde essas novas formas de organização não surgem, é porque não houve nenhuma luta proletária. É quando o sindicato cumpre plenamente

te o seu papel no capitalismo: de organismo especializado que planifica para o capitalismo os aumentos que este necessita para a expansão do mercado de consumo particular.

Quando, ao contrário, se desenvolvem lutas proletárias, que extravasam, pelo menos no interior de cada unidade produtiva, os limites do sindicato, os dirigentes sindicais cumprem a tarefa de definir um meio-termo aceitável para os patrões. É dessa forma que integram as lutas proletárias na dinâmica do capitalismo. Com isto quero dizer que nenhuma luta pode se expandir nos limites estritos do aparelho sindical, assim como não se desenvolve sob o esquema rígido da disciplina fabril.

Mas então fica a pergunta: se a classe operária quando luta diretamente pela diminuição da exploração não atua nas instituições existentes no capitalismo, onde é que ela atua? Eu diria que ela atua fundamentalmente nas organizações que cria no próprio processo de luta - nas instituições autônomas.

Esta é uma contradição muito importante do capitalismo. É a própria dinâmica de seu desenvolvimento que determina o surgimento de relações sociais que lhe são antagônicas. Relações sociais igualitárias e não especializadas, que destroem o sistema da "representatividade", característico do capitalismo.

nhas de intervenção. E definitivamente será a organização de militantes Liberação, que mais tarde se dissolverá, que, com muitos tropeços e alguns êxitos, tentará formar, em toda a Espanha, como linha política o que num primeiro momento era simplesmente uma prática de classe.

NOTAS:

(1) Quem estiver interessado em ampliar seu conhecimento sobre o tema, ou preencher as lacunas deste texto, pode consultar:

J. A. DIAZ - Luchas internas en CCOO. 1964-70, Ed. Bruguera
J. SANZ OLLER - Entre el fraude y la esperanza: las Comisiones Obreras de Barcelona - Ruedo Ibérico.

Sala I A. Durán - Crítica de la izquierda autoritaria en Cataluña, 1967-74 - Ruedo Ibérico.

T. TAJUELO - EL MIL, Puig Antich y los GARI -Ruedo Ibérico.

Luchas autónomas en la transición democrática, - ZYX

Por la organización autónoma de los trabajadores - ZYX

F. AGUADO - Una lectura crítica del marxismo - ZYX.

A LUTA AUTÓNOMA

Lúcia Bruno

a força de trabalho é a única mercadoria cujo valor se estabelece através de uma luta social.

Enquanto o operário procura incorporar o máximo de tempo de trabalho nesta mercadoria que vende ao capitalista, tendo em vista aumentar o seu valor, o capitalista procura reduzi-lo ao máximo.

Essa luta tem um caráter muito peculiar no capitalismo. De um lado, constitui fator integrante do sistema, pois é o próprio processo económico que determina a fixação de um valor para a força de trabalho, que encontra no salário a sua expressão jurídica.

Por outro lado, essa luta não tem condições de se desenvolver no tipo capitalista de organização operária que o sistema de exploração impõe. A disciplina da fábrica implica na completa obediência e submissão do operário ao sistema tecnológico de produção. E esta é a única forma de organização que o capitalismo pode admitir.

No entanto, esta luta não pode deixar

tem motivações que retornam para a unidade do ciclo de exploração da classe"

Como isto é possível?

como um tipo de força de trabalho (profissionalmente adequado, nos termos do mais recente desenvolvimento capitalista da força de trabalho), tira proveito de sua necessária DISPER-SÃO utilizando as estruturas vertical e horizontal do Capital.

De agora em diante, possibilidade de unificação das lutas;

Mudando as relações entre Jovens e Velhos Trabalhadores.

A complexa dialética da RECOMPO-SIÇÃO (no sentido de homogeneização das lutas, novas e antigas) está avançando, apesar de obstáculos objetivos (qualificações profissionais, definição de empregos) e subjetivos (ideologia, militância, experiência de organizações históricas, orientações culturais/comportamentais, em relação ao trabalho, classe, etc.).

A importância, nesse processo, da ORGANIZAÇÃO INFORMAL: jovens proletários rejeitam o 'partido' de tipo gramsciano, baixo percentual de sindicalização; ENTRETANTO, uma reestruturação real das relações com os proletários mais velhos, nas lutas articuladas via ORGANIZAÇÃO INFORMAL (veja 'passividade', abaixo)

xo).

CAPITAL & FORÇA DE TRABALHO JOVEM

"Por que o capital europeu - i.e., o circuito de acumulação de capital, no atual nível de composição global técnica - necessita da força de trabalho jovem?"

a) Nível de automação da produção direta:

escala de produção europeia - mercadorias e características tecnológicas dos setores dominantes, em termos de nível geral de aplicação da ciência para a substituição de trabalho vivo por trabalho morto - produzindo uma nova forma de 'emprego', parcializado, linha de produção & processo de trabalho em série controlado via decomposição e simplificação do trabalho, estendido para a administração & serviços.

Portanto,

'Força de trabalho jovem' por si mesma é uma 'qualificação' do ponto de vista do capital: "Uma hora de força de trabalho jovem produz uma margem de mais-valia mais elevada do que uma hora normal/média."

b) O emprego também está sendo diretamente transformado, via controles automáticos audiovisuais do processo

de trabalho. Aqui também há uma produtividade maior de força de trabalho jovem.

NB: Concomitante desqualificação & expulsão da força de trabalho mais velha: 'M O B I L I D A D E'. Portanto: Intensificação constante da exploração = MAIS (SOBRE) TRABALHO

No entanto: Isso só se torna possível dada sua posição no trabalho ("sobre a base de sua relação de trabalho") = mais lúdica... E os patrões nem sempre são capazes de admitir isso! **Relação com os sindicatos** Visível primeiramente em 1960/61, na FIAT, OLIVETTI, MONTECATINI, ITALSIDER, MICHELIN. Depois, espalhou-se até mesmo na agricultura:

c) " *N o v o s T é c n i c o s* " "Os trabalhadores denominados 'técnicos' são, para nós, acima de tudo, a massa de novos profissionais exigidos pelos novos níveis de automação e mecanização do circuito produtivo: essas são as novas profissões conectadas com funções auxiliares, especialmente para a programação geral, a pesquisa aplicada etc ..."

(i) É impossível separar as funções 'técnicas objetivas', do trabalho auxiliar, das funções 'políticas' de supervisão e controle. O próprio controle é crescentemente transformado em funções 'técnicas objetivas'.

'Programação' concernente ao aumento do 'consumo produtivo' da força de trabalho como tempo e estudo do trabalho.

(ii) Problema das relações entre o trabalho produtivo 'direto' e 'indireto', que não pode ser colocado somente como uma questão exclusivamente de qualificação/formação individual da força de trabalho (na escola ou faculdade). Um elemento dessa 'qualificação' sempre deriva do caráter social do trabalho, como força produtiva;

o trabalho indiretamente produtivo, necessário para o capital, deve ser analisado em relação aos:

INSTRUMENTOS DO TRABALHO VIVO DIRETAMENTE PRODUTIVO & OS OBJETOS DA CIÊNCIA DO TRABALHO VIVO APLICADOS NA MECANIZAÇÃO DO TRABALHO & AUMENTO DE SUA PRODUTIVIDADE

NB: Entretanto, proporcionalmente a essa crescente importância, com a produção do processo, o Capital busca 'racionalizar' até mesmo esse trabalho vivo produtivo indireto, via recursos eletrônicos de cronometragem, controle dos ritmos & parcelização etc. Então, 'graus' ilusórios (hierarquia) e 'status' são necessariamente desgastados pela própria reorganização do capital dessa forma de trabalho vivo (indireto); e isto é assimilado à organização da linha/fluxo do trabalho diretamente produtivo.

CER?, na qual formulam uma crítica apaixonada contra a politicagem e o manobrismo dos partidos políticos no interior das CCOO. A corrente autônoma irá precisando seus objetivos; em setembro de 1969, com o número 6 de *¿QUÉ HACER?*, a tendência se auto-dissolve, consciente de ter alcançado sua finalidade essencial: o que 8 meses antes não parecia factível agora é: o nascimento de um movimento operário de classe, autônomo, está a ponto de ser um fato.

A segunda fase do desenvolvimento dessa corrente, que seria qualificada desdenhosamente pelo PSUC e o FOC como sindicalista ou anarcosindicalista, consistiu em organizar alguns círculos de formação operária. Sua intenção era muito clara: com os círculos, nós trabalhadores iremos ter os elementos técnicos (teóricos e práticos) necessários para estar em condições de poder dirigir nossa própria luta, sem ter que recorrer a grupelhos de especialistas, que nos fariam pagar um preço muito alto por "seus serviços" - dirigindo-nos.

A autonomia operária progressivamente avança em sua concretização. De uma prática instintiva de classe, passou para a um primeiro grau de formulação teórica: necessidade de uma organização autônoma, de classe, da luta global sem parcelamentos, anti-politicagem, não-dirigismo... A experiência das plataformas de Comisiones Obreras marcaria de maneira radical a impossibilidade de avançar

nessa linha trabalhando com organizações que continuam pretendendo construir o partido. Será por essa razão que a continuidade da corrente autônoma se diversifica em interpretações mais ou menos inovadoras, segundo o grau de ruptura com a matriz ideológica, o leninismo.

A OICE, por exemplo, tentará conjugar o impossível: uma organização de classe autônoma, mas dirigida pelo partido embrião. O caso da UCL - Unión Comunista de Liberación - é parecido, ainda que em menor escala. Serão, acreditamos, os grupos operários autônomos que levarão mais longe a elaboração teórica e prática da autonomia operária. Intervindo numa das greves mais longas do franquismo (greve da Harry Walker), não perderão em nenhum momento o contato com a realidade e saberão introduzir por fim uma crítica do sindicato como instrumento de planificação capitalista e do partido como direção sobre a classe operária...

As publicações - clandestinas - dos trabalhos de Barrot, Lefort, Pannekoek, constituirão, naqueles momentos de máxima influência do marxismo-leninismo, um verdadeiro purgante para muitos. Será, porém, com LUCHA Y TEORÍA, revista clandestina - hoje desaparecida, depois do nº 7 - que se conecta por fim com o movimento operário italiano, quando se introduzirá pela primeira vez a concepção da autonomia operária como linha política, como conjunto de li-

classe operária unificada, manter a sua força estrutural, rechaçar a submissão às leis da economia, que a burguesia apresenta como algo natural. Isso significa lutar contra a reestruturação, os expedientes de crise: posto de trabalho e salário garantidos. Não cairmos no embuste de autogerir empresas em crise.

Recusa do mito do trabalho: utilização da Previdência Social, absentismo, insubordinação coletiva e, quando não houver força, sabotagem. Manter níveis crescentes de auto-organização e contrapoder operário: assembleias decisórias e comitês revogáveis, eleitos por elas. Construir, à medida que se luta, relações sociais comunistas que se oponham a toda substituição e manipulação do proletariado, a toda divisão do trabalho e delegação de funções. Recusa do conceito de vanguarda como direção política histórica, não se esquecendo da necessidade da organização, para não cair no puro espontaneísmo.

Desenvolver estes eixos de luta em outras frentes como bairros, ensino, marginalizados, etc.

Pergunta: Ou seja, que...

Coletivo: Ou seja que, definitivamente, as duas alternativas que hoje aparecem são: eurocomunismo e eurosocialismo (diferenciados na forma, mas não no fundo) como gestão do capital, com todas as suas alternativas satéli-

tes (PT, MC, ORT, LCR, etc) ou autonomia operária como uma linha política altamente subversiva, que enfrenta o capitalismo atual e sua crise estrutural, linha política em cujo eixo de elaboração teórico-prática estão, como únicos protagonistas, os trabalhadores como classe e, em geral, os oprimidos.

PEQUENA HISTÓRIA DA AUTONOMIA OPERÁRIA NA ESPANHIA

A primeira expressão relativamente permanente da autonomia operária remonta aos princípios da década de 60, quando nas Astúrias começou a germinar a auto-organização, com o nome de Comisiones Obreras. Não vamos traçar aqui a história de CC.OO. (1). Já sabemos o final: de organização autônoma de todos os operários passou a ser um sindicato a mais. Só nos interessa assinalar que será em tais CCOO onde surgirá a autonomia de classe, entendida tanto como prática quanto como teoria. Concretamente, em Barcelona, ponta avançada do movimento operário espanhol, em torno de 1968-69, um PCE-PSUC débil está obcecado pelo controle das CCOO, e o FOC (Front Obrer de Catalunya), segunda força política das esquadras, se decompõe lentamente, acontecendo um processo de reagrupamento de militantes independentes junto com alguns saídos do FOC. Em março de 1969, publicam o primeiro número de uma revista chamada *¿QUÉ HA-*

PORTANTO, as lutas desse ramo do trabalho vivo convergem com as dos trabalhadores de linha. Estrategicamente, o aspecto crucial dessa assimilação de diferentes tipos de trabalho vivo (diretamente e indiretamente produtivo) nas lutas (nas quais a força de trabalho 'técnica' poderia, em certas condições, assumir um papel de vanguarda) é que o trabalho massificado deve mover-se primeiro autonomamente: "Nada é mais perigoso que os sofismas daqueles que estabelecem uma relação mecânica entre a zona de abrangência do circuito e a função de vanguarda da massa nas lutas. Na realidade, ocorre o contrário: não é a consciência do proletário individual, o nível de sua compreensão do processo de trabalho como um todo ou da função de consumo etc., que determina o nível de um movimento de luta e lhe dá um lugar 'propulsivo' em relação a luta de classes em geral."

(iii) A posição dos proletários jovens na esfera de circulação & serviços, caracterizada pelo aumento da intensidade da exploração (mesmo quando o 'capital constante' é substituído pelo trabalho vivo - mudando a composição orgânica - e acrescido de procedimentos, métodos etc.) similar à homogeneização: recomposição da classe nas lutas.

TRABALHADORES DE FÁBRICAS

"Para nós a 'classe operária' hoje abraça os técnicos (isto já era claro

para Marx...), e também diferentes seções do trabalho 'não-produtivo': incluímos aqui o movimento estudantil."

Contudo, existe uma freqüente identificação da 'classe operária' com a porção do trabalho 'produtivo direto', que Marx e Lênin denominaram 'trabalhadores de fábricas'. (NB: 'Fábrica', para Marx, é a específica relação social de produção, organizada em torno de instalações/máquinas fixas como seu material de base.)

Esse setor da classe foi protagonista histórico das lutas, antes da primeira guerra mundial e depois dela: "Se o taylorismo e a organização científica do trabalho tinham objetivos políticos, estes se resumiam a colocar em xeque o nível de organização política atingido por esses trabalhadores específicos, os trabalhadores de fábricas."

PORÉM, hoje enfrentamos uma situação pós-Taylor, pós-racionalizadora - vide Itália, nos anos 60.

a) aumento dos trabalhadores de Fábricas - concentração & massificação. Isto inclui processos auxiliares.

b) racionalização capitalista do processo de trabalho 'indiretamente produtivo', terciário & fases de circulação.

c) dominação da força de trabalho jovem massificada: ruptura subjetiva com a qualificação dos trabalhadores dos 'conselhos de fábricas' de 1917-1920.

SETORES PRODUTIVOS & RECOMPOSIÇÃO

Setores de liderança da recomposição de classe, em termos de produção/reprodução do capital = AUTOMOBILÍSTICO (nexo do circuito metalúrgico, borracha, vidro etc) e PETROQUÍMICOS.

A atual reorganização/recomposição dos setores (aeroespaciais, de pesquisa, automação de serviços, estoque

etc.) corresponde a uma nova iniciativa POLITICA do capitalista coletivo para atuar internacionalmente a classe operária, por um período considerável: "Esta iniciativa é POLITICA, com o objetivo de alterar a composição e os termos políticos da relação entre as classes e, assim, libertar-se da situação de crise na qual tem sido colocada pelos movimentos da classe operária, em sua luta pela elevação dos salários, no ciclo de lutas anteriores."

PORTANTO, estes são setores estratégicos da luta anticapitalista na fase atual. Eles representam um terreno politicamente decisivo: mas é de se



Pergunta: Força estrutural da classe operária?

Coletivo: Sim, explicaremos com um exemplo: em uma cadeia de produção bastava que um operário parasse para que parasse toda a cadeia. Esta força estrutural a nível mundial faz com que, em todo esse período, a classe operária possa enfrentar o capital de forma unificada e que a luta seja principalmente contra a organização capitalista do trabalho (greves, insubordinação, absenteísmo, lutas contra as cronometragens, pela redução da jornada de trabalho, etc) produzindo assim uma queda tendencial da taxa de lucro, isto é, reduzindo sensivelmente os ganhos do capital. Por este motivo, hoje o capital planeja a reestruturação do modelo produtivo anterior para passar a outro que lhe garanta melhor os lucros e portanto o nível de produtividade. Para isso, é indispensável destruir a atual composição da classe operária, como contrapoder unificado. Por aqui irá o novo tipo de intervenção em empresas e ramos de produção (centrais eletrônicas, cibernética, eletrônica) que não precisam necessariamente do operário-massa como um motor fundamental. Na nova etapa, as indústrias motrizes passariam para as mãos de uma minoria de técnicos especialistas (os jalecos brancos) e o operário-massa estaria deslocado para ramos marginais da produção. Isso produz hoje, por um lado, uma massa de desempregados, trabalhadores eventuais, temporários, trabalho precário

rio; por outro lado, uma militarização crescente das relações de produção e das relações sociais em geral. Todo um estado-polícia sob a máscara da democracia. Exemplo: Alemanha.

Pergunta: Então as não menos alardeadas "saídas da crise" ...

Coletivo: Da perspectiva que assinalamos na resposta anterior, existem duas alternativas que definem claramente duas linhas políticas. O primeiro é uma saída capitalista da crise: superá-la. O reformismo operário na Espanha, Itália, França, etc, se oferece à burguesia para planificar a superação da crise. Compromisso Histórico na Itália, Programa Comum na França, Pacto de Moncloa na Espanha, são variantes de uma mesma tentativa: o pacto político-econômico interclassista, verdadeiro plano repressivo contra os trabalhadores para esmagar sua autonomia e submetê-los às necessidades de superação da crise. O segundo, uma saída proletária: a linha política autônoma se baseia no aprofundamento da crise, na recusa de administrá-la. Isso quer dizer, hoje: bloquear o desenvolvimento capitalista; manter aberta a crise do Capital, ainda que sem forçar hoje um enfrentamento total no qual a classe operária sairia perdendo.

Pergunta: Como se concretiza, aqui e agora, esta segunda linha?

Coletivo: Para isto é necessário um eixo de luta baseado em manter a

Pergunta: Esta linha política é um programa a mais para a transição ao socialismo?

Coletivo: Não. Uma linha política autônoma não pode ser um programa que divida os objetivos em mínimos e máximos. Fazer isso levou os marxistas-leninistas a esclerosar o marxismo. Para eles, o programa mínimo propõe objetivos correspondentes à etapa imediata. São objetivos geralmente de tipo economicista, para mobilizar os trabalhadores. O programa máximo propõe objetivos finais, para chegar ao socialismo. É exibido nos grandes dias de festas, como elemento propagandístico e diferenciador do partido.

Uma variante é o chamado programa de transição dos trotskistas que, tentando escamotear o problema do duplo programa e baseando-se em duas teses: a falta de direção revolucionária e a crise catastrófica do capitalismo, propõem um único programa mágico-mobilizador, que no fundo tende a reproduzir os mesmos esquemas de antes, precisamente pela tese de que é necessária a criação do partido revolucionário diante da “crise de direção”.

Logicamente, essa disjunção entre luta econômica e luta política, totalmente fictícia, é estendida a todas as formas organizativas da classe operária: por um lado sindicatos para a luta econômica, por outro partidos para a luta política, esquecendo que luta eco-

nômica e luta política são um mesmo momento da luta e, portanto corresponsam a uma única organização.

A luta de classes está nas relações de produção e nas relações sociais em geral. A luta no parlamento é mera politicagem.

Do ponto de vista da autonomia, o programa só pode ser entendido em momentos revolucionários: o programa para o comunismo.

A autonomia operária como linha política de classe, ou seja, como conjunto de linhas de intervenção nas diferentes frentes de luta, não pode ser a invenção de um grupo de militantes. Deve ser necessariamente uma síntese coletiva que recolha as mais avançadas experiências de luta da classe. Neste sentido, está por fazer, se bem que já existem elementos válidos como ponto de partida. Um ponto essencial é hoje a interpretação da crise capitalista.

Pergunta: Como vocês interpretam, pois, a tão alardeada crise do Capital?

Coletivo: Estamos assistindo a um ataque massivo do capital contra a classe operária. A crise na forma de reestruturação (evasão de capitais, expedientes de crise, desemprego, congelamento salarial) é uma tentativa de destruir a força estrutural da classe operária que o próprio capital criou com o modelo de acumulação dos anos 30 a 60...

esperar que os trabalhadores de fábricas desempenham um crescente papel **PROPUSSIVO** nas lutas a nível **SOCIAL**.

LUTA UNDERGROUND x LUTAS ABERTAS E OBSERVÁVEIS

A homogeneização prossegue apesar e através da diferenciação tecnológica.

Recomposição = unificação dialética da classe, na luta contra o Capital, que é o nível específico determinado e a forma de acumulação.

**A classe "adequa-se para" e "utiliza" esse nível/forma de acumulação do capital (incluindo a "diferenciação tecnológica") em sua luta anticapitalista: "A classe operária utiliza em sua luta contra o capital sua própria função (global, estrutural, unificada) como classe produtiva do capital."

Tese Chave: utilização de um dado nível & forma (circuitos) do capital pela classe operária.

Luta Underground e Passiva

Na época pós-Taylor/Ford/Keynes, "desperdiço" e "lentidão" devem ser coletivamente organizados (não podem ser uma "recusa" individual primitiva). Dada uma contínua reestruturação capitalista da interdependência dos elementos de um processo de trabalho "coletivo" (através do estudo dos tempos e movimentos do trabalho

ho, substituição do trabalho morto por trabalho vivo, programação de circuitos), a própria resistência proletária deve também ser continuamente retomada, de modo sempre mais coletivo, "revolucionando" o modo de produção e o processo de trabalho capitalista.

A ORGANIZAÇÃO, além de progressiva, deve ser informal, condição de flexibilidade e renovação. EM VIRTUDE DISSO, EMERGE O CONJUNTO DO PROBLEMA DA ORGANIZAÇÃO POLÍTICA NA FÁBRICA.

O ataque da Leylands britânica, utilizando o trabalho por peça, desmontou a articulação formal das lutas da classe operária através dos representantes de base (organização histórica), exigindo uma reorganização adequada informal/coletiva nessa parte da classe.

INFORMAL e COLETIVO: condições reciprocamente necessárias.

Entretanto, a luta "aberta" não precisa "abolir", mas "continuar" ou "reimpulsionar" a luta subterrânea (cf. Alfa Romeu, onde as greves, finalmente abandonadas pelo sindicato, intensificaram o nível das lutas organizadas informalmente).

** "A luta passiva, subterrânea ou molecular, **SEMPRE** persiste; a organização das lutas pela classe operária existe sempre."

ZEROWORK: COMPOSIÇÃO DE CLASSE

Uma definição, hoje clássica, de "composição de classe" foi publicada no primeiro número da revista estadunidense Zerowork:

"Os 'limites' do capital não são internos a ele, tampouco a crise: ambos são determinados pela dinâmica da luta da classe operária. Para compreender a dinâmica e os ciclos de luta é necessária uma análise que deve operar em quatro níveis, interligados e necessários.

Primeiro: analisar as lutas em si mesmas, seu conteúdo, suas direções, como se desenvolvem e como circulam...

Segundo: estudar a dinâmica dos diversos setores da classe: o modo pelo qual esses setores interagem e, portanto, as relações da classe com o capital...

Terceiro: apreender as relações entre a classe operária e suas organizações 'oficiais', ou seja: os sindicatos, 'partidos operários', as organizações estatais de seguridade social etc. ...

Quarto: todos esses aspectos devem ser relacionados com a iniciativa capitalista, em termos de planificação social geral, investimento, inovações tecnológicas, empregos, e na forma institucional da sociedade capitalista...

Através desses níveis interdependentes de análise de classe, poderemos compreender as relações entre classe operária e capital. Elas nos permitirão especificar a 'composição da classe operária'. Ao mesmo tempo, uma semelhante análise torna visível como a classe operária modifica aquelas relações e reconstroi sua composição num nível mais alto de poder, em outras palavras, sua 'recomposição política'. Por 'recomposição política' entendemos o nível de unidade e homogeneidade que a classe operária alcança durante um ciclo de lutas, na passagem de uma composição para outra. Essencialmente, isto exige a superação das divisões capitalistas, a criação duma nova unidade entre os diversos setores da classe e uma expansão dos limites do que a 'classe operária' conseguia abranger."

[Introdução a Zerowork # 1']

A natureza mutante da composição de classe e da luta de classes:

A breve definição de composição de classe antes citada foi escrita em 1975. Hoje, diante das profundas mu-

tem em luta (período 75-76) que foram um momento culminante da autonomia operária. Mas, pelo caráter desigual e instável da luta nesses momentos em que a correlação de forças é favorável ao capital, estas formas desaparecem porque é materialmente impossível perceber que não se trata apenas de lutar contra o capital, mas também pela abolição do trabalho assalariado e, portanto, da própria figura do assalariado. A organização autônoma de forma permanente fica reduzida a coletivos de militantes dispersos, alguns organizados localmente, outros localizados em toda a Espanha. Paralelamente, adota hoje uma estrutura de afiliação (CNT).

Pergunta: Um parêntese: Por que na CNT, se ela tende a se definir como sindicato ou anarco-sindicato?

Coletivo: Porque da análise do movimento histórico se percebe que a classe operária, apesar do extraordinário ciclo de lutas que desenvolveu sob o franquismo, hoje não superou a etapa sindical. Por isso, acreditamos que grande parte da militância da Autonomia Operária pode ser aglutinada na CNT.

Pergunta: Por que não superou a etapa sindical?

Coletivo: Porque da análise do movimento histórico se percebe que a classe operária, apesar do extraordinário ciclo de lutas que desenvolveu sob o franquismo, hoje não superou a etapa sindical. Por isso, acreditamos que grande parte da militância da Autonomia Operária pode ser aglutinada na CNT.

Apesar da autonomia se teorizar a partir de um marxismo crítico, sua prática histórica, na Espanha, provém do movimento libertário concretizado na CNT, e teve sua expressão mais genuína no comunismo libertário (1936-38). Precisamente a CNT, por desligar-se do sindicalismo clássico

(planificador do capital), por sua organização interna que, apesar de seu apolitismo, não separa luta econômica de luta política; porque apoia outras frentes como presos, homossexuais, etc., a Autonomia Operária como movimento libertário recolhe grande parte das posições, sintonizando todo o movimento subversivo que tenta acabar com esta sociedade de merda.

Pergunta: Voltemos ao que estavam explicando.

Coletivo: Continuemos. A autonomia operária, além do mais, é linha política. O capital, no transcurso da luta de classes, atua para os trabalhadores como uma linha política global determinada, baseia-se na sua política econômica, mas abarca a totalidade dos aspectos sociais (política social, política econômica, política educativa, sexual, etc.). Além disso, a burguesia tenta escolher o terreno da luta a todo momento. Hoje se concretiza na transição à democracia (pois a luta operária tornou a ditadura inútil), com todos os aparatos: parlamento, sindicatos, partidos, pacto social, etc.

Portanto, nós trabalhadores devemos desenvolver nossa linha política, abrangendo todas as frentes de luta: bairros, ensino, empresas, saúde, marginalizados, etc. Uma linha política integral, global, pois é uma resposta-ataque em todos os níveis e modos de exploração e opressão burguesas.

e consultas. Uma relação humana, que está a anos-luz da arrogância e suficiência habituais dos grupos de esquerda e que para nós vale tanto como as posições que eles, a seguir, nos explicam.

Pergunta: O que é Autonomia Operária?

Coletivo: É uma prática histórica da classe operária e uma corrente dentro do movimento operário. Em momentos revolucionários ambas se estendem e generalizam até ser hegemônicas. Exemplos claros foram os conselhos operários (Rússia 1905, 1917), a Comunidade de Paris, os comitês de fábrica (Espanha, 1936), os conselhos na Alemanha, em 1918, Polónia em 1956, 1970... Em geral, esta prática adota o nome de organização da classe. Se baseia na não-delegação de funções, na não-divisão dirigentes-executantes, na não-divisão entre luta econômica e luta política, em resumo: na democracia direta. Os trabalhadores se organizam fora e contra os partidos autodenominados vanguarda ou direção política e seus sindicatos corréia de transmissão

A autogestão generalizada e centralizada na Organização da Classe é o pilar da derrubada da sociedade capitalista e, ao mesmo tempo, a organização econômica, política e social da nova sociedade.

Nos momentos não revolucionários, a Autonomia Operária, como corrente dentro do movimento operário e como prática de classe, é minoritária e adota formas alienadas.

A luta de classes está nas relações de produção e nas relações sociais em geral.

A luta no parlamento é mera politicagem.

Do ponto de vista da autonomia, o programa só pode ser entendido em momentos revolucionários: o programa para o comunismo.

tas, maoístas, eurocomunistas ou de qualquer outra roupagem, foram ultrapassados: a Assembléia e seus delegados são a autodireção e a autoconsciência da luta.

De forma alienada, porque essa prática não se cristaliza numa expressão organizada permanentemente. São exemplos as coordenadoras de fábricas

Minoritária no sentido que se exprime em lutas muito concretas, de claro conteúdo autônomo.

(...). Nesta mesma linha estariam lutas não tão diretas nas relações de produção e que se estendem a todas as relações sociais capitalistas: bairros, ensino, presos, marginalizados em geral. Os burocratas portadores da linha correta, sejam eles trotskistas, eurocomunistas ou de qualquer outra roupagem, foram ultrapassados: a Assembléia e seus delegados são a autodireção e a autoconsciência da luta.

tações que redefiniram o mundo do trabalho, assalariado e não-assalariado, essa definição continua válida? O que significa luta de massas, num período em que o operariado parece ter perdido sua centralidade? Qual é a função das lutas das mulheres, quando a família e o 'estado providência' continuam degriugolando? Que importância adquirir a circulação das lutas, numa época em que milhões de pessoas têm de abandonar seus locais de origem? Diante do colapso dos regimes capitalistas de estado e da emergência da crise econômica global, quais são as tarefas prioritárias, numa perspectiva comunista?



Autonomia Operária e autonomia dos proletários

Neg/azione 1976

Há cerca de dois anos, os jornais do Kapital italiano (todas as suas tendências, da democracia cristã ao PCI) esbravejam contra um novo "grupo": Autonomia Operária, o qual acusa de todas as "provocações" e das "ações de *lumpen*" ocorridas recentemente. Nos últimos dias, a campanha jornalística (sobretudo por parte da esquerda capitalista) contra os "provocadores" se intensificou, porque o capital italiano, em fase de reestruturação, não pode suportar a "atividade subversiva" dos companheiros que não aceitam mais pagar com sua própria pele o preço das várias "crises" capitalistas, ou melhor, o preço da existência do capitalismo. Companheiros que rompem com a lógica "política" dos partidos ou grupelhos leninistas e que, superando a falsa esfera da "política", alienante e separada, levam adiante um discurso baseado na exigência de negar a sobrevivência capitalista, a ditadura espetacular-mercantil que o domínio real do capital impôs.

Historicamente, nos momentos de explosão revolucionária, a classe operária

ria sempre mandou à merda os padres radicais-burgueses socialistas, autode-nominados comunistas, que alardean-do serem seus representantes, edifica-ram templos e impuseram aos "representados" a peregrinação depois das horas de trabalho.

Desde suas origens, a classe operária soube criar momentos de organização e agrupamento além dos esquemas das várias organizações radicais-burguesas, sem esperar o messias re-volucionário para resistir ao capitalis-mo. Inventou seus próprios meios e modos: das greves selvagens aos atos de sabotagem.

Começando em 1811, na Inglaterra, com o movimento luddista, primeira e grande expressão da autonomia operá-ria, passando por junho de 1848, com as jornadas do proletariado revolucio-nário parisiense, continuando com A Comuna, em 1871, e, no século vinte, com as revoluções russas (enquanto duraram...) até 1968. Nestas experiên-cias, o proletariado superou o limitado âmbito das reivindicações econômico-políticas; ou melhor, no momento em que o capital passou do domínio for-mal ao domínio real, o proletariado e com ele os proletarizados começaram um discurso total contra seu ser prole-tário (ou proletarizado), contra o tra-balho, contra a sobrevivência capita-lista, recusando a esfera separada da "política".

Concluindo, pode-se falar da autono-mia dos operários, que tendem a ne-gar sua sobrevivência enquanto tais e a afirmar sua vida enquanto comunis-tas, da autonomia dos proletarizados

que negam a sociedade espetacular-mercantil pondo-se contra ela (fora dela, nenhum deles acreditada). Coisa diferente é, no entanto, a organização "Autonomia Operária", que permane-ce no interior da lógica política, da ideologia marxista-leninista, da hipó-tese do "partido revolucionário", ne-gando o contraste entre os dois con-c e i t o s : a) o de partido, que implica uma ideologia, uma estrutura vertical, quadros dirigentes, militantes, simpatizantes, filiados, militarizados...; b) o de revolucionário, que nega tudo isso e afirma a si mesmo, seu próprio corpo, suas próprias exigências (comunistas).

Esses companheiros (Autonomia O-perária) partem de uma realidade re-volucionária: a exigência de um de-senvolvimento autônomo das neces-sidades proletárias, para repropor toda-via a "militância revolucioná-ria" (profissional) e o partido, com o único resultado de canalizar as exi-gências revolucionárias para os esque-mas capitalistas da "política" e da "ideologia". Apesar de tomar por base premissas anti-revisionistas (o recha-ço da função conscientizadora do par-tido e do aparelhamento do movimen-to autônomo) a Autonomia Operária organizada faz retornar pela janela o partido que havia sido expulso pela porta, burocratizando o conceito de "autonomia".

AUTONOMIA OPERÁRIA OU BARBÁRIE

(entrevista de AJOBLANCO, nº 31, mar-ço de 1978, com um coletivo autônomo)

Os partidos de esquerda são a esquerda do Capital; os de extrema esquerda, a extrema esquerda do Capital. Os sindicatos, todos os sindicatos, nada mais são que uma forma do Capital. Estas frases, que são uma das banalidades de base do atual movimento revolucionário, pronunciadas numa recente reunião (Salón Diana, Barcelona, 8/12/1977) e sublinhadas devidamente no AJO an-terior, puseram em guarda nossos queridos progressistas, que agora des-cobrem a existência aqui de correntes que se dizem da autonomia operária.

Nossos inefáveis progressistas – anar-quistas incluídos – atribuem a existên-cia dessas correntes à moda, como se a autonomia de classe fosse a última engenhoca ideológica importada da França e da Itália, um imaturo produ-to da crise. Além de seu caráter super-ficial, essa análise evidencia a mais absoluta ignorância, por parte de tais progressistas, da realidade do movi-mento operário espanhol, do passado

e do presente da luta de classes e de suas perspectivas.

A Autonomia Operária não é uma moda importada. Nem apenas alguns grupos que se dizem dela, revistas co-mo "Teoria e Práctica", "Negaciones" ... "Emancipación", "Negaciones" ... Na Espanha, a autonomia operária vem de muito longe, e, por atrás des-sas revistas atuais, desses modernos filhos da crise, escondem-se fragmen-tos de história da luta de classes, com suas derrotas e suas vitórias.

OS CAMINHOS ATUAIS DA AU-TONOMIA

Entramos em contato com um dos co-letivos que se situam na linha da auto-nomia de classe. Falamos e discuti-mos sobre os mais diversos temas: a conjuntura atual, a importância das lutas dos grupos marginais, a crise do Capital, o refluxo atual das lutas ope-rárias, a repressão, a vida cotidiana, a complicada relação dos partidários da autonomia com alguns cenetistas... Finalmente, depois de muito recorrer a papéis e fitas cassetes, optamos por reproduzir o fragmento a seguir, em que pese o obreirista e um pouco tri-unfal que saiu (esse jargão de militan-te de esquerda!). Em outra ocasião, abordaremos alguns dos temas que não são tratados aqui.

Queremos registrar o aberto e frater-nal relacionamento que o citado cole-tivo manteve com o chato editor do AJO que os molestava com perguntas